

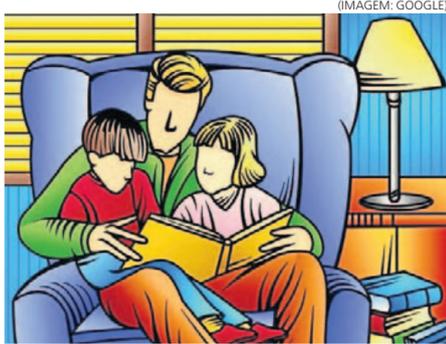
Suplemento Cultural

Palmatória literária

EDUARDO MAHON – membro correspondente da ASL e atual presidente da AML

Alguns fatos sobre leitura: 1) o brasileiro lê pouco; 2) o brasileiro lê mal. Até aí, nenhuma novidade. Por que é assim? É óbvio que a explicação se dilui em múltiplos fatores que, basicamente, podem ser resumidos: educação familiar desabituada com a boa leitura, educação formal sem condição de fazer da literatura uma disciplina instigante e o preço do livro praticado no país. O ensino de literatura passou a ser maçante não só pelo desábito como pela visão conservadora sobre o que “é bom” e o que “é mau”, do que “presta” e do que “não presta”. Curiosamente são autores menos lidos, com enfadosos monólogos acadêmicos nos que se julgam responsáveis pelo julgamento do que serve e do que não serve para a juventude.

Ainda sofremos com o rescaldo do militarismo, por incrível que pareça. Há muitas tutelas e muitos tutores do saber. Sobra monopólio do conhecimento de gente que vive em redomas irreais. O que seria importante para o certo “círculo crítico” é o estudo dos ícones literários, com linguagem árida e temáticas limitadas. Não estão errados. O ícone é, de fato, importante. Diria até es-



(IMAGEM: GOOGLE)
Ler em família gera nos filhos o prazeroso hábito da leitura

sencial para a formação/identidade de um povo, além do próprio leitor. Não é por esse fato que devemos enfiar goela abaixo da criança e do adolescente uma literatura a primeira vista sisuda, digna de estudos avançados em universidades. Antes de ler “isto” ou “aquilo”, o mais importante é ler.

Aliás, o que causa repulsa na criança e no adolescente é mesmo a obrigação da leitura – no que estão absolutamente certos. Não conheço nada que é “feito por obrigação” que prospere a longo prazo. Literatura deve ser um prazer e não uma dor. Noutras palavras, os pais e professores precisam de técnicas ou estratégias para seduzir o nascente público leitor. Para começo de

conversa, sendo bastante realista, crianças que não enxergam nos pais o hábito da leitura (seja lá do que for) provavelmente não serão elas mesmas leitoras, no futuro. Só essa constatação – que independe de nacionalidade, aliás – já seria suficiente para reforçar a responsabilidade da escola e dos governos em estruturar programas de maciço incentivo à leitura, com professores qualificados e bem remunerados, inclusive.

Tomemos o exemplo de Dom Casmurro. O Machado que eu conheço não é o mesmo que um adolescente conhece. É preciso vivência, leitura, para entender todas as nuances irônicas ou dramáticas do maior autor brasileiro. O que dizer de Guimarães Rosa? Brilhante, nada menos do que brilhante. No entanto, para uma criança de 13 anos, pode ser terrivelmente chato ler *Grande Sertão*. Conseguimos imaginar uma moça de 15 anos aterrorizada com a narrativa densa de um Euclides da Cunha? Um rapaz de 11 anos comovido pelo cárcere de Graciliano? Quem sabe uma menina de 10 anos suspirando ao decla-

“

Literatura deve ser um prazer e não uma dor. Noutras palavras, os pais e professores precisam de técnicas ou estratégias para seduzir o nascente público leitor”

mar Bilac? Ora, que purismo acadêmico mais besta!

A literatura, como a música, como a gastronomia, enfim, exige graduação. Os autores infanto-juvenis precisam ser respeitados. Eles entendem o público. Sabem ser necessário um período intermediário. São sensíveis, curtos, simples, leves. É um começo. Aliás, o autor que vende precisa ser respeitado. Sobra inveja dos intelectualóides tupiniquins. Jorge Amado, por exemplo, foi vítima a vida toda da dor de cotovelo dos puritanos. Literatura é sedução, um jogo de pique-esconde, um baile de máscaras, uma viagem ao centro da terra, ou uma luta feroz contra baleias. Deixemos à crítica os estudos, as análises, dissertações, teses etc. Sem afetações, vamos nos sensibilizar para uma realidade: o jovem precisa se apaixonar pelo livro e não ver nele um inimigo. Literatura não pode ser palmatória, certo?

Medicina nos primeiros dias de Campo Grande

J. BARBOSA RODRIGUES – ex-presidente e benemérito da ASL

Os integrantes das classes médica e farmacêutica que atualmente servem à população campo-grandense certamente nunca tiveram idéia do que foi o exercício da arte de curar, nos fins do século XIX e primórdios do seguinte, em nossa cidade, onde hoje cirurgiões competentes e especializados praticam as mais difíceis intervenções cirúrgicas em pessoas vindas de todos os recantos do município e mesmo do Estado.

O primeiro “entendido” nesta maravilhosa arte, que exerceu o seu mister nesta terra, foi o seu próprio fundador, José Antônio Pereira, que, com suas rezas, benzeções e “garrafadas”, atendia a todos os que o procuravam e que, anteriormente, em trânsito por Sant’Ana do Paranaíba, conquistara a amizade e simpatia de todo o povoado com a sua “medicina” primitiva, onde valia mais a fé do que o pau da barca.

Joaquim Vieira de Almeida, que foi o primeiro cronista de Campo Grande, em aqui chegando, montou uma “farmácia”, no centro de uma venda, constante de um armário com remédios mais usados na época e, com o tempo, empregando “fórmulas homeopáticas, alopatias e populares”, desbancou o já velho José Antônio, e passou a ser o “doutor” da Vila. José Antônio, pouco depois de 1890, deixara a povoação indo morar na fazenda Bandeira.

É de autoria de Joaquim Vieira “um interessantíssimo caderno de miscelâneas”, em cujas páginas 6 e 43 estão registradas receitas de seu uso e copiadas de Torres Homen, Chernoviz, almanques, guias homeopáticos e populares, levando as de confiança experimentada um asterisco vermelho, enquanto à margem de outras temos um incisivo “bestialógico”. Dentre as populares, com uma salvadora reserva, encontramos sobre mordeduras de cobra, após haver ensinado o uso de permanganato de potássio por via oral e intravenosa, o seguinte:

“DIZEM QUE CURA-SE POR BENZEÇÃO: em frente dum copo com

água e fazendo-se movimento com a cabeça em forma de cruz e por três vezes diz-se: Benza os mordidos de bicho peçonhento, você não mordeu o Padre Frei Clemente. Creio em Deus Padre e 3 Padre N., 3 Ave Maria e 3 G.P. oferecidos a Pe. F. Clemente e Morte de N.S.J.C. – o doente bebe a água ou um por ele se está ausente.”

Era assim, até o início do século passado, a forma com que se curava em Campo Grande.

Em 1897, procedendo de Nioaque, em trânsito para Goiás, pela primeira vez pisava o solo da Vila de Santo Antônio de Campo Grande um médico trazido por José Pereira Martins.

“Era este discípulo de Hipócrates o Dr. J. Willard Morris, médico americano, vermelhão, alto, espadaúdo, de quem jamais se teve notícias após sua partida para Goiás.”

O Dr. Morris, além de ser o primeiro médico a visitar a Vila, trouxe consigo uma novidade: uma pequena máquina de escrever. Escrito com essa máquina existia, na Biblioteca Pública, um relatório redigido numa mistura de latim, espanhol e português em que se relatava a primeira autópsia feita em Campo Grande no cadáver de um paraguaio, “morto de doença da terra”.

Mais tarde, em 1936, João Evangelista Vieira de Almeida divulgou na “Revista da Serra” um trabalho sobre notas e fatos inéditos da história campo-grandense, em que relata a visita desse médico da seguinte forma: “Lá pelos anos de 1896 e 1897, viajava por Mato Grosso, passando por Campo Grande, o Dr. James Willard Morris, norte-americano que se diz médico, título esse que alguns lhe contestam, e de sua passagem por aqui deixou algumas provas, se não de sua capacidade profissional, pelo menos de sua aventura. Praticou ele nessa ocasião e com êxito relativo, uma operação cirúrgica das que se classificam de alta cirurgia (a primeira que aqui se fez) tendo por auxiliares uma senhora, ao que parece, sua conterrânea, a qual viajava em sua companhia; o cidadão Joaquim Vieira de Almeida, então o único farmacêutico da localidade, aliás, prático de farmácia e a dona da casa em que se hospedara, Honória Maria das Dores. A paciente era uma senhora que faleceu um ano pouco mais ou menos depois, dizem que em consequência de não haver seguido à risca as prescrições do cirurgião”.

PAULO COELHO MACHADO PELAS RUAS DE CAMPO GRANDE

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Diz o povo, e parece que diz bem, que cada época tem os homens que merecem.

Ele anda pelas ruas de Campo Grande. Conhece-as todas, sabe tudo a respeito delas, sua história, seus moradores, como eram nos primórdios da cidade, fatos que as marcaram para sempre.

Cada rua da “Cidade Morena” tem seu poema, uma saga de emoções, é um viveiro de fatos interessantes, lirismo, tragédia, aventuras, enfim, vivências que estariam mortas e sepultadas na pátna do tempo, não fosse o andarilho das ruas da Capital Sul-Mato-Grossense.

Observador acurado, exímio pesquisador, memória privilegiada e metódico registrador de informações, ele fez, das ruas de Campo Grande, uma história admirável, bonita, leve, repleta de lances e imprevistos que não poderão perder-se jamais.

Sob o condão de sua pena irrequieta e curiosa, as velhas ruas se

agitam e renascem embelezadas pelas virtudes do tempo, com imigrantes, aventureiros, forasteiros, mascates, chegadiços, carros-de-boi, cavaleiros, tropeiros, árvores vetustas, poeira, sons antigos lembrando uma época de trabalho, de fincar-pé, coragem e esperança!

A Metrópole de Mato Grosso do Sul não podia mesmo ficar sem o historiador das ruas de Campo Grande, sob pena de lapso histórico lamentável! Nós outros ficaríamos a ver somente o corpo, certamente grandioso, da cidade, mas não lhe enxergaríamos a alma transparente, banhada de sol e de luar, de saudade e romantismo que fazem um povo imperecível!

Os seus livros: “A Rua Velha” e “A Rua Principal”, que já andam pela Alemanha, são preciosas gravações documentais estereotipadas da beleza antiga.

É por isso que eu repito: Paulo Coelho Machado tem que ser de Campo Grande, tem que girar pela Capital sempre, porque as ruas de Campo Grande, agora, são ele.

FORMA

HÉLIO SEREJO

Para cavalo gavião, burro refugador ou égua aporreada, que não deixa peão pegar “assim no más”, nada há melhor que forma.

Forma é laço ou sovêu estirado, preso num poste da cerca, ou no mangueiro, para nele se encostar a bicharada inquieta e, subjugalmente, convenientemente. É prática, rústica, perigosa às vezes, mas que dá bons resultados. Animal trabalhando na forma é montaria que, com o tempo, fica remansa de bucal e de se passar a mão nas virilhas... Ela tira do pingo negador-de-estribos a friagem e a “cósca” da própria barriga.

Dá gosto a gente ver cavalo “formado”!

Encosta o peito na corda, ergue a cabeça, dilata as ventas e... se põe a olhar pelo alto, com ares de superioridade...

Com a continuação, a tropa fica “especial de amestrada”, é só o peão autoritário gritar – “FORMA!” – para que os quadrúpedes se alinhem, numa ligeireza de raio de chuva de verão...

Burro “trabalha” na forma, torna-se medroso. Derruba as orelhas. Obedece ao grito. Não escaramuceia assim à toa. E tem preguiça de pespegar coice, que sempre foi seu maior gosto na vida. Campeiro experimentado não põe cavalo de borracho na forma. Cavalo de bêbado encosta o pescoço na corda, baba nela, os

POESIAS

À MEMÓRIA DE MAMÃE

Distância ingrata de filho.
Na agônica e fria madrugada,
um toque de telefone... dois... três...
Um susto, um impulso...
Um vazio... um soluço,
dois... três... vários...
Um punhal a lacerar meu peito.
Lágrimas infinitas...

Agora tudo é irremediável.
Todo quefazer é inútil.
E aquele olhar profundo, amável...
Aquele sorriso doce, o sonho fútil,
aquela vã espera... nunca mais!

Oh... Mamãe, eu estive tão distante!
Tive tudo... tudo!... e
fui tão inconstante...
Por que não afaguei sua face,
mais e mais!?... Por quê!?
Por que tão cedo abandonei
os meus lençóis branquinhos!?...
O sonho azul de paz,
os gestos de carinhos...

Ah... Mãe... Mãezinha...
Nem vi o seu último adeus.
Perdão!
Agora... Agora é tarde demais...
Só me resta um grito demente
preso na lâmina aguda da tristeza
e da ausência.
Ausência irrestrita...
dolência infinita...

Ó tempo perdido, inacontecido,
que me dilacera feito bisturi,
onde está mamãe!?
– Onde está mamãe?!

Estou aqui.

RUBENIO MARCELO

ROTINA DO AMOR ETERNO

(Para Ambrosina Alves da Rosa,
antes de sua ascensão à Eternidade)

Como sou feliz quando ali me achemo
E ouço de minha mãe (no olhar o brilho):
“É você!... é o Geraldo!” ... e faz chamego,
Qual a mãe de Jesus acolhe o filho!

E na voz desconexa, mas de apego,
Ouço de praxe o cândido estribilho:
“Tome café!” – e a sinto em doce arrego,
A vida a reacender ao velho cílio!

E ela esquece e pergunta novamente:
“Já tomou, filho, o cafezinho quente?”
– Já tomei, mãe, respondo com carinho.

Meu Deus!... se antes chamá-la à Eternidade,
Ore a mim esta prece de saudade:
“Meu filho, já tomou o cafezinho?”

GERALDO RAMON PEREIRA